



D. Carlos I

Novembro / Dezembro 2007

Comemoramos este ano o centenário dos assassinatos de D. Carlos I e de seu filho, D. Luiz Filipe. Conforme sondagem à opinião pública de 2002, mais de 75% do Povo português considera "um crime horroroso" o Regicídio. Sabemos que foi levado a cabo por terroristas ao serviço de uma conspiração contra a Monarquia Democrática então vigente. E contudo, passados estes anos, estou convencido que, se os assassinos conhecessem verdadeiramente o seu Rei, não o teriam morto. Mas tão forte era a campanha de ódio e desinformação sobre o Rei e a Família Real, tão grande era o desconhecimento da sua dedicação ao país, da defesa da nossa independência e da nossa posição no mundo, que veio o trágico desenlace que afastou Portugal, durante décadas, do caminho para uma sociedade mais evoluída.

Por o Rei D. Carlos ser uma figura ainda tão mal conhecida, foi criada a "Comissão - D. Carlos 100 anos" que, com a sua actividade, pretende lançar bases para um estudo alargado sobre a dimensão política e diplomática do Rei, no plano nacional e internacional, e divulgar outros aspectos da sua personalidade evidenciada tanto na investigação oceanográfica como nas artes ou no desporto.

De 2008 até 2013, ano do 150º aniversário do seu nascimento, esta Comissão irá apoiar eventos que lembrem a obra do Rei D. Carlos. É uma tarefa de reconciliação para a qual chamo todos os portugueses e que já foi iniciada pela sociedade civil e pelas nossas Forças Armadas através de exposições, livros, monumentos e conferências.

A 1 de Fevereiro haverá Missa de Requiem, em S. Vicente de Fora. Espero que nessa evocação religiosa estejam presentes, as mais altas autoridades do Estado Português numa homenagem ao que foi um Chefe de Estado que projectou a sua Pátria no Estrangeiro.

Em múltiplos aspectos, o Rei D. Carlos foi um homem à frente do seu tempo. O interesse pelos estudos oceanográficos não pode ser mais actual e decisivo para a afirmação de Portugal na Europa e no Mundo, dadas as nossas responsabilidades na maior Zona Económica Exclusiva da União Europeia e a obrigação histórica de perpetuar este desígnio nacional.



Pela sua acção diplomática e política, dentro e fora do país, foi justamente considerado um grande português e um dos maiores estadistas da sua época. Com a sua particular e corajosa personalidade e inegáveis qualidades diplomáticas, científicas e culturais, se hoje fosse vivo, seria certamente reconhecido como um grande Chefe de Estado.

O programa de acções da "Comissão D. Carlos - 100 anos" lançará uma reflexão profunda sobre o papel de Portugal e dos portugueses no seio de uma família europeia cada vez mais alargada.

Dom Duarte de Bragança